



S. PAULO PREGANDO EM ATENAS.

A PREEXCELLENCIA de Raphael sobre todos os mestres da escola romana, sem exceptuar Miguel Angelo, deriva da penetrante intelligencia com que aquelle grande artista concebía e dispunha grandes composições, appresentando combinações magestosas e significativas, provas de fertilidade e viveza de engenho; ao passo que não sacrificava as mais elevadas condições da arte ás que são reputadas meramente accessorias e superficiaes: será disto bello exemplo o cartão que intitulam *S. Paulo prégando em Athenas*. Achando-se neste foco da civilisação grega o insigne apostolo das nações, foi desafiado pelos phi-

losophos para fazer publica declaração de suas doutrinas á celebre curia do Areopago: accetitando o convite entrou no templo do gentilismo e subindo a um lugar dos mais notaveis, fallou assim aos circumstantes: «Varões athenienses, em tudo vos vejo como mui supersticiosos: porque passando e vendo os vossos simulacros, achei tambem uma ara com esta inscripção: *Ao Deus não-conhecido*. Aquelle, pois, que vós-outros adoraes sem o conhecer, esse vos annuncio eu.»

O effeito, que no auditorio produziu aquelle solenne exordio, foi tal qual era d'esperar da promul-

gação de doutrina tão nova como importante. As pessoas que rodeam o apóstolo não hão de considerar-se como uma assemblea promiscua de indivíduos, sendo fóra de duvida que o intento do pintor foi personificar em cada figura uma classe ou seita da philosophia grega, o que facilmente póde distinguir-se na attitude e semblante de cada individuo. A uma parte nota-se o cynico embebido em cogitações, buscando argumentos e dúvidas para oppor; de outra, o estoico apoiado no báculo exprime na insolencia do semblante a incredulidade obstinada; no entanto que os discipulos de Platão, sem prestarem inteira fé aos mysterios expostos pelo apóstolo, dão mostras de comprazimento na formosura e sublimidade d'uma doutrina, a muitos respeitos parecida com a sua; pelo que escutam com attenção. A outro lado se deixa vêr um grupo de disputadores, sofistas, e impugnadores de toda e qualquer religião, embrenhados em discussão vehemente, mais por ostentar subtilidade que por dilucidar a verdade. No fundo do painel, a consideravel distancia, divisam-se dois rabbins ou doutores hebreus, que tendo ouvido o discurso dão costas ao missionario evangelico em demonstração de desprezo ao annuncio das profecias. — A primeira vista, lançada sobre o desenho, o espectador vê logo a principal personagem, S. Paulo, a quem o artista revestiu de todas as circumstancias convenientes á dignidade da pessoa, e alta valia da missão. Representou-o em pé, immediato ao primeiro plano, em lugar eminente e a bastante distancia do auditorio: na acção parece divisar-se-lhe a um tempo a serenidade e a energia, é simples e magestosa, e comtudo inflammada de enthusiasmo divino: ao vê-lo não podêmos deixar de formar idéa de que lhe está manando da boca a torrente de eloquencia irresistivel. O effeito immediato do seu discurso, e o triumpho eventual da sua doutrina, sufficientemente estão patenteados na conversão de Damaris e de Dionisio o areopagita, as duas primeiras pessoas no quadro, e que demonstram no olhar e nos gestos de affecto a sua convicção sincera, a renunciação á idolatria, e a resolução de abraçarem a fé de Jesu Christo.

Os edificios, sem embargo da inconsistencia no estilo d'architectura em que alguém faz reparo, são formosos objectos no seu tanto; são templos das divindades pagãs, cujo culto o apóstolo está condemnando; pelo que tem connexão immediata com o assumpto do cartão. Alem de que, assim por elles como pelas estatuas proximas, quereria o pintor caracterisar a cidade de Athenas, creadora do bom gosto nas artes, e emporio de fausto e riquezas. — Em summa no todo do painel sobresahe a rara habilidade e perspicacia de Rapbael na invenção e disposição dos assumptos.

O Bobo.

1128.

VIII.

Reconciliação.

APENAS Fr. Hilarião e o Lidador voltaram costas para se dirigirem á sala do banquete, na qual se achavam reunidos já quasi todos os ricos-homens e infanções vindos á solemnidade daquelle dia, o cavalleiro cruzado se encaminhou apressadamente ao

longo da corredoura onde fallára com elles. Aquella passagem estreita ia por todo o circuito do castello, acompanhando o edificio irregular dos paços e suas accommodações e officinas. De espaço a espaço alargava-se n'uns terreirinhos onde se viam amontoados instrumentos e arremeços de guerra. Para esta especie de pateo desciam escadas de pedra que davam communicação aos adarves, ou andaimos da grossa muralha exterior, e ao lado de cada um delles bojavam para dentro as torres macissas e quadrangulares que defendiam as quadrelhas do muro. Nesse ponto a senda, geralmente estreita e soturna, se tornava ainda mais apertada, e ás vezes mais tenebrosa, porque algumas das torres se ligavam ao palacio por largos passadiços lançados por cima della.

Egas Moniz passou successivamente tres dos terreirinhos, até que a final parou debaixo do escuro arco de pedra, que se abria na extremidade do terceiro. Este, differente dos outros, em vez de topar nas lizas e altas paredes dos paços, entestava com uma casaria baixa, rota por sete ou oito portaes singellos que davam para o terreiro. O tecto daquelle corpo saliente era um espaçoso terrado que o passadiço ligava com o primeiro andar da torre. Sobre esse terrado, quanto a escuridão o permittia, viam-se negrejar os topos dos arbustos e as pontas esguias dos caramanchões de verdura, e sentia-se o cheiro balsamico das flores, que se dilatava na aragem quasi imperceptivel de uma noite de estio. O cavalleiro achava-se junto ao jardim onde se passára, pouco havia, a scena que tão fataes resultados tivera para o honrado e jovial D. Bibas.

Tudo por aquelle lado do palacio parecia tranquillo, e o reflexo da luz escaça que allumiava os aposentos contiguos ao piso do jardim, rompendo a custo as vivas côres das vidraças, vinha morrer nas trevas a pouca distancia dellas. O cavalleiro ao atravessar o terreirinho parára um momento e cravára os olhos naquella tenue claridade. Um suspiro mal contido lhe sussurrou nos labios. Depois, como arrastado por um pensamento irresistivel, continuou a caminhar rapido para o escuro vão junto da torre, e involto no zorame cozeu-se com a parede, como quem receava ser alli visto.

Não tardou que do lado da corredoura, opposto áquelle por onde o cavalleiro viera, se approximasse um vulto trazendo um cavallo de redea. Este vulto vinha tambem coberto de uma especie de zorame, porem alvacento como albornoiz mourisco. Deu um silvo agudo, a cujo soido Egas pareceu reconhecê-lo, porque sahindo-lhe ao encontro, perguntou em voz baixa e em arabe: — És tu, Abul-Hassan?

«É o vosso servo: — respondeu o vulto na mesma lingua, parando e sofrendo o cavallo.

«Fallaste com teu irmão? A que horas se erguem as pontes das barbacans? — perguntou de novo o cavalleiro.»

«Apenas acabar o banquete — tornou o mouro: — os vigias receberam ordem para não deixarem sahir ninguem do burgo passado esse momento.»

«O meu saio de malha — proseguiu Egas — a cervilheira e a espada?»

Sem dizer palavra Abul-Hassan tirou as tres peças de sob o albornoiz, o cavalleiro vestiu á pressa o saio, pôz na cabeça a cervilheira, affivelou-a sobre os hombros áquella especie de camisa de ferro que vestira, cingiu sobre esta a espada, e atirando o zorame para cima do cavallo disse ao mouro: «Deixa-te ahi ficar: se vier alguém que te não

conheça e pergunte quem és e o que fazes neste sitio — responde que és um cavalleiro do senhor de Trava, que te ordenou esperasses aqui com um corredor folgado. Depois de assim responderes ninguem ousará perguntar-te mais nada.»

Proferidas estas palavras, Egas desapareceu n'uma escada de caracol aberta no fundo da torre, e que dizia para o primeiro pavimento della: chegado ao alto tirou do seio uma chave, e abriu uma porta, não a que dava para a quadra principal da torre, mas outra lateral e pequena. Cruzou o passadiço, e n'um momento achou-se no jardim pensil.

N'aquelle logar e hora, as paixões tumultuosas que lhe agitavam o espirito o obrigaram a reflectir alguns momentos, e a procurar restabelecer no seu coração a possivel tranquillidade. Que pertendia? A que vinha alli como um salteador nocturno? Elle mesmo não o sabia ao certo. Era apenas uma vaga esperança de ainda ver Dulce, de lhe expor a sua leviandade, de lhe dizer tudo quanto o ciúme e a desesperação lhe ensinassem. Desde que a fama dos amores da donzella com Garcia Bermudez chegára aos seus ouvidos, não houvera para elle repousar um instante. Buscando qualquer pretexto plausivel para se dirigir a Guimarães, logo que chegára ao arraial do infante se offerecêra para indagar da propria boca de Gonçalo Mendez qual seria a sua resolução final na lucta que se ia travar. Vestindo os trajos de villão — o arbim e o zorame de burel — entrára no burgo ao romper d'alva, e dirigindo-se á mouraria perguntára por Abul-Hassan. Entre os mouros que, ao tirar a grossa cadeia de ferro lançada de noite á entrada do seu bairro, sahiam de golpe para os trabalhos ruraes, divisou brevemente aquelle que buscava. Deu-se-lhe a conhecer, e antes que a alegria que o mouro mostrou ao vê-lo se revelasse por signaes, que gerassem desconfianças, pediu-lhe o guiasse á sua pousada. Ahi entregando-lhe uma bolça de couro com alguns almorabitinos disse-lhe: —

«Far-me-has tu, Abul-Hassan, ainda uma vez o serviço que tantas te devi antes de partir para ultramar?»

«Posto que o odio contra os meus irmãos — respondeu sorrindo o arabe — vos levasse tão longe para lhes derramar o sangue, como se vos não bastasse o dos musslins da Hespanha, nem por isso vos perdi a affeição, porque sei por experiencia que ao menos não serieis cruel para com os vencidos como são quasi todos os guerreiros christãos. O serviço de que me fallaes, sem que m'o dissesseis já eu o advinhei. A chave da porta secreta da torre do miradouro ainda está em meu poder; porque ainda me não tiraram o cargo do jardim da rainha. Á hora da quinta oração podeis vir busca-la aqui.»

«Não é isso só — interrompeu o cavalleiro — é necessario que ainda hoje vás ao soveral que se estende junto ao váu do Avicella. Ahi estará um escudeiro com o meu cavallo de batalha e as minhas armas: mostrando-lhe este anel elle te entregará tudo. Conduze-me aqui o ginete e as armas ao cahir do dia. Depois esperar-me-has junto ao passadiço da torre para o jardim. O anel, esse guarda-lo-has para ti.»

Abul-Hassan ia propor algumas difficuldades: as ultimas palavras de Egas Moniz as haviam aplanado. O anel era assaz rico.

«Na confusão que hoje vai em palacio, ninguem reparará na minha falta. Assim poderei obedecervos.»

«Ainda mais — proseguiu o cavalleiro. — Quando atravessai a barbacan vi signaes de que as pontes levadiças se costumam erguer de noite. Preciso de saber até quando se poderá sahir do burgo e por onde. Tu o indagarás com certeza. Se desempenhares bem tudo o que te ordeno, recolherás depois mais larga recompensa.»

No rosto do mouro ria o contentamento.

«Meu irmão, o tornadiço, ainda é um dos mestres dos trons e engenhos. Estão a seu cargo os que de novo se assentaram no cubello do topo da cou-raça. Elle deve sabe-lo; e hade por certo dizer-mo.»

Bem! — tornou Egas. — Agora vai executar o que te mandei, e entretanto eu ficarei aqui. Mas volta ao sol posto: porque me será necessario a essas horas deixar a tua guarida.»

D'ahi a pouco o mouro atravessava a barbacan por meio da comitiva de ricos-homens que começavam a entrar no burgo para assistirem á convocação solemne da curia.

Havia largos annos que Abul-Hassan estava incumbido do jardim pensil. Naquelle seculo os diferentes misteres, para os quaes se requeria ou sciencia ou industria, eram quasi exclusivamente exercitados por mouros e judeus. Na agricultura, porrem, a raça arabe era a unica entre a qual se encontravam homens profundamente versados em todos os ramos della. Abul-Hassan, captivo em uma arrancada, obtivera pela sua sciencia agronomica não só um tratamento menos duro do que era usual entre os christãos para com os servos, mas até por fim a liberdade, e com a liberdade um cargo que se casava com a sua educação e habitos — o de jardineiro do horto pensil. O toque principal do caracter de Abul-Hassan era a avareza: á força de ouro Egas alcançára delle muitas vezes, antes de partir para a Terra-santa, o ter entrada naquelle logar vedado, onde podia ver Dulce, quando ou as noites festivas, ou os cuidados do governo retinham D. Thereza longe de sua filha adoptiva. A experiencia que tinha do poder do ouro na alma de Abul-Hassan fez com que entrando em Guimarães o buscasse, para com o soccorro delle poder levar a cabo o principal intento que alli o trouxera.

Taes haviam sido os meios de que usára o cavalleiro para se approximar de Dulce. Por este modo era que elle se achava alli.

A recordação dessa epocha em que naquelle mesmo sitio passára horas deliciosas aos pés da sua amante, que então innocente e pura era para elle como o anjo de Deus, que inspirava ao cavalleiro esforço e generosidade, e ao trovador os seus mais poeticos e harmoniosos cantares (*); — essa recordação, dizemos, devorava agora como um pensamento infernal o coração do pobre mancebo. Os riscos que naquelle tempo dourado corrêra para ouvir promessas e juramentos d'amor, palavras d'esperança e de felicidade, ia-os correr de novo para receber talvez o ultimo desengano. Que lh'importava? Sem ao menos ver uma vez Dulce é que elle não podia morrer. Morrer — que, trahido, lhe seria a consolação derradeira!

Egas se havia dirigido ao mesmo logar onde poucas horas antes o conde de Trava ouvira da boca de Garcia Bermudez as desagradaveis novas da aproximação do infante. O reflexo do tanque em que as estrellas se espelhavam guiára o cavalleiro para

(*) *Cantares* é o nome que o auctor ou auctores do Cancioneiro chamado do Collegio dos Nobres dão a cada um dos poemettos ou cantigas de que elle se compõe.

aquelle sitio. Pelas ruas tortuosas que giravam por meio dos arbustos, e por entre os canteiros das flores, Egas chegára junto ao poial escondido no caramanchão fechado. Em vez de se acalmar a agitação que lhe despedaçava o coração, este bateu com mais violencia ao entrar alli. Tudo estava como d'antes, o céu, a noite, o jardim: só um amor de mulher mudára: mas esse amor fóra para elle o universo, e o que via em redor de si não era mais que uma imagem mentirosa da realidade, lançada sobre o tumulto do passado, sobre as ruínas da sua intima existencia. Nas recordações de outrora havia para elle indizível saudade, mas saudade arida e atroz, sem consolação nem lagrymas.

Assentado no poial, com a fronte entre os punhos, o pobre trovador engolfado em pensamentos tenebrosos, parecia esquecido dos proprios intentos, do tempo que fugia, e dos riscos que o cercavam, quando no meio do silencio profundo que reinava no jardim um tenue ruido veio despertar-lo da immobilitate externa em que o lançára o intenso viver da sua alma.

Este ruido o fez erguer a cabeça e lançar os olhos para o lado d'onde partia aquelle som duvidoso: defronte d'elle — e bem perto — uma porta rodava lentamente sobre os gonzos; era a do corredor que dava para a sala d'armas. Egas poz-se em pé, e apalpou o punho da espada. Lembrava-se perfeitamente de uma noite — fazia nesta tres annos — em que assim a vira abrir, e passar nm cavalleiro, cujo vulto similhava o do conde de Trava. Esta noite lhe ficára gravada indelevelmente na memoria, porque fóra aquella em que vira Dulce pela ultima vez, partindo para o oriente. A dois passos delles se approximára o vulto encaminhando-se lento para os aposentos reaes. Egas recordava-se bem desse instante de receio e delicias, em que na mão de Dulce unida aos seus labios sentira palpitar o amor e o susto; em que elle vira cruzar-lhe o delirio celeste da felicidade á imagem de um assassinio. Agora esta imagem, então negra e maldicta, como que lhe sorria, porque não se misturava com idéas de ventura, mas com as agonias da desesperação. Daquella vez um suor frio lhe manára da fronte ao arrancar o punhal do cinto: desta o seu espirito quasi folgava ao imaginar que *alguem* se encaminhava para alli da sala d'armas, e que elle tinha uma espada. Talvez Dulce aqui mesmo jurára a outro o amor que lhe mentira a elle! Talvez o seu rival a buscava...! Refugiou deste pensamento; porque era um pensamento que parecia esmagar-lhe o coração.

Em quanto tudo isto indistincto, travado, doloroso, fugia pela sua alma com mais rapidez do que nós o exprimimos, a porta em que o cavalleiro tinha os olhos fitos, atravez da ramagem do caramanchão, acabou de rodar nos gonzos, e um vulto sahio para o jardim. A figura e o traço eram de mulher. O seu andar vagaroso e incerto, o arquejar comprimido, o volver contínuo do rosto, como quem observava se era seguida, davam claros signaes da viva inquietação que a agitava. Trazia vestido singelamente um epitogio escuro, e os cabellos involtos em rede tenuissima de ouro. Á escaça claridade, que derramava longinquo fulgir das estrellas, aquelle vulto de mulher similhava-se a um anjo perdido nas trévas do mundo e da noite, tanto as suas fórmas eram suaves e ao mesmo tempo severas, os seus meneios nobres e modestos. O cavalleiro olhou mais attentamente... Era Dulce! Um grito de amor, de colera, de prazer, d'indignação, conglobados em

gemido infernal, esteve a ponto de lhe fugir por entre os dentes cerrados: mas uma vontade de ferro conteve aquelle primeiro impulso. Dulce havia parado.

E parára bem perto d'elle! — Egas aspirava o perfume de seus cabellos, cria ouvir-lhe o cicío do respirar, o ranger das roupas negras, e nos olhos o brilho de uma lagryma. Escutou. A donzella alçou a fronte para o céu e murmurou: —

«Desventurado! — desventurado!»

O trovador descobriu nestas palavras a angustia do remorso: era por certo o remorso quem arrauçára esta expressão de piedade áquella que o trahira. Quem havia ahi, senão elle, que fosse desventurado?

«Toda a affeição de uma irmã eu guardarei para ti — proseguiu Dulce. — Heide cumprir essa promessa que fiz perante o Senhor que me ouve! Mas o meu amor é já de outrem: — como o fepartirei contigo?»

A donzella parecia delirar: tinha os braços estendidos e as mãos unidas como implorando a piedade de algum ente só para ella visível.

Nesta postura, á luz duvidosa da noite, em silencio profundo, e no meio de atmosphaera recendente e tepida agitada por leve aragem d'estio, a fascinação do amor era irresistível.

Aquella especie de delirio em que Dulce cahira trocou-se repentinamente em impensada realidade. Um leve rugir de folhas sêccas a despertou do seu devaneio. No mesmo momento um cavalleiro coberto do saio e cervilheira de malha estava a seus pés, e segurando-lhe tremulo uma das mãos lha cubria de beijos ardentes.

Todo o ciume, toda a procella, accumulada por dias d'intenso martyrio no coração de Egas, desaparecêra.

«Meu Deus!» — quiz bradar Dulce, atterrada. Os labios não poderam todavia repeti-lo.

Mas instinctivamente recuára.

O encanto que havia subjogado por um instante o mancebo quebrou-se então: a sua alma reconquistou o esforço da desesperação, que tão de subito o abandonára.

Ergueu-se, e recuou tambem; mas em pé, e cruzando os braços, olhou para a pupilla de D. Thereza como o juiz para um réu.

«Faz agora tres annos e um dia — disse elle com voz lenta e na apparencia tranquilla — que neste mesmo logar te jurei estar hoje aqui a teus pés! Meus juramentos cumpriram-se. Dulce, lembra-te dos teus?»

«Meu Deus! Egas! tu aqui? — Oh! — que mal te fiz eu, para me matares com o inesperado da tua vinda? murmurou Dulce desfalecendo, e vindo cahir nos braços do trovador.

Mas estes braços não se uniram para a estreitar contra o peito! O cavalleiro afastou-a de si brandamente, e proseguiu: —

«Não é minha a culpa se um raio cahido do céu vem partir a cadeia dos teus dias risinhos tecida pela traição. Meus juramentos cumpriram-se. Dulce que fizeste dos teus?»

O caracter de Dulce era um mixto inexplicavel de candura e de energia, em que a fraqueza propria do seu sexo era muitas vezes subjogada pelo sangue nobre e generoso que lhe girava nas veias — o sangue dos Bravaes. A alegria subita de ver Egas poderia ser-lhe fatal, se as palavras gélicas que elle lhe dirigia não houvessem temperado o de-

lirio do primeiro instante. Nessas palavras conheceu a donzella que o ciúme era quem as dictava. O sentimento da injustiça com que o cavalleiro repellia a sua ternura a fez recobrar a consciencia da situação em que se achava. Durante alguns momentos um silencio profundo reinou entre os dois amantes, que olhavam fitos um para o outro. Dulce, por fim, tirando do seio um pequeno punhal, deu dois passos para diante, e arrojando para longe a bainha tomou-o pelo ferro, e offerecendo-o a Egas disse-lhe com voz a princípio firme, mas que brevemente as lagrymas cortavam: —

«Quando ha tres annos, Egas, o nobre trovador partiu para ultramar, a sua amante na hora cruel da despedida pediu-lhe uma lembrança, que bem dizia com os seus tristes presentimentos. Esta memoria foi o punhal toledano que elle trazia consigo. Dulce era uma pobre orphan: podiam constringe-la a ser infiel; — e então cumpria-lhe morrer: foi para morrer que ella o pediu Egas! — proseguiu a donzella — os meus juramentos guardei-os até hoje: — juro-o por Deus que nos ouve! Mas se me crês culpada, ou que eu possa vir a sê-lo, vingate da traição, ou embarga-me o trahir-te.»

E estendia o punhal para o cavalleiro.

«Sabês que eu não poderia assassinar-te! — replicou Egas. — Nem para te assassinar vim aqui. O meu intento era outro Qual? . . . Nem eu mesmo o sei . . . Trouxe-me máu grado meu a loucura da desesperação. Oh, sim! . . . agora me recordo . . . vinha para te dizer: — Dulce, fizeste bem em trocar o foragido, o homem que só possui a pouca terra que lhe deixaram seus pais; que não ganhou ainda nos enredos cortesãos um unico prestamo, pelo cavalleiro estranho que pôde e vale tudo com o senhor destes paços prostituidos . . . vinha dizer-te que cumprí a promessa de estar outra vez a teus pés dentro de tres annos. Estive a teus pés! — Agora nunca mais perturbarei tua dita. Escusas de perjurar ao céu para negar o perjurio . . .»

Dulce deixou cahir o punhal, e estendendo para o cavalleiro as mãos confrangidas e tremulas de afflicção — interrompeu:

«A minha dita cifra-se em tornar a ver-te; em ouvir ainda de tua boca palavras de ternura: estas converteram-se em injurias e escarneo. Calumniaram-me, e tu acreditaste a calumnia Não devias faze-lo. Perdôo-te; mas escuta-me!»

«Escuta-me tu ainda mais algumas palavras — replicou o mancebo: — são as derradeiras que me ouvirás! Tu foste a unica imagem que eu via em quanto combati, e padeci, e soffri alem mar: para ti sonhava eu sonhos de gloria: por ti fiz resoar as minhas endeixas melancolicas debaixo dos cedros do Libano, e com lagrymas de saudade refrigerei estes labios queimados pelo sol ardente do deserto. O teu nome invoquei-o em mais de cem recontros, e ao invoca-lo augmentavam-se-me na alma o esforço e a constancia. Tu eras a senhora dos meus pensamentos, a divindade do meu coração. — Voltei a Portugal onde esperava achar a recompensa de tanto amor. Qual foi ella? O meu futuro inteiro cabi-me hoje aos pés desfeito em cinza; porque este futuro estava nas mãos de Dulce, e Dulce que eu cria anjo, era apenas mulher!»

«Mata-me antes com esse ferro que jaz a teus pés — exclamou a donzella com voz debil e travada de choro —; mas não me faças expirar nos tormentos intoleraveis de coar pelo coração uma a uma as ago-

nias que para elle manam das tuas palavras. Tem piedade de mim, Egas, e ouve-me! — que se me ouvires has-de arrepende-te, e dizer: — Dulce, tu és innocente! . . . Os que te accusaram mentiram-me! . . . Oh! escuta-me por piedade!»

E o tom daquellas expressões, e a postura supplicante da formosa orphan abrandariam o instincto de um tigre: o cavalleiro vacillou:

«Houvera eu, desgraçada, de dizer-te essas palavras; houvera de achar no horisonte da minha vida uma bêta de luz e esperança! Mas a boca de homem que nunca mentiu me confirmou sem o querer o que a fama confirmava.» — E depois de olhar para ella fito alguns momentos, proseguiu: — Não amas tu um desses aventureiros que opprimem a boa terra de Portugal? — não vais ser em breve esposa:»

«Não acabes essa idéa terrivel — atalhou Dulce com ancia, que tocava quasi as métras do phrenesi. — Esposa?! Só tua ou do tumulto. — Nem o mundo, nem Deus teriam força para me constringer a tanto. As apparencias enganam, Egas! Saberás a verdade: — só a verdade — e sê tu o meu juiz.»

O accento com que a donzella proferira estas palavras pareciam tanto vir da alma, que a persuasão da infidelidade de Dulce, que tudo conspirára para arraigar no animo do cavalleiro, começava a trocar-se em hesitação porventura mais dolorosa que a certeza dessa infidelidade em que até ahi estivera.

«Crês tu — replicou elle — que o peregrino expirando no meio das ancias de sêde devoradora recusasse a taça d'agua christallina? — que o supplicado, no meio dos tratos d'algozes, não quizesse ouvir a palavra *basta!* da boca do juiz? — que o condemnado regeitasse o céu pelo inferno? . . . Oxalá que os ultimos oito dias que tenho passado, e que devoraram annos e annos de meu viver, não houvessem sido mais que um pesadelo maldito. Anjo que vi despenhado, podesse eu adorar-te ainda como a um anjo de luz? Se neste mundo ha para Egas futuro e para ti innocencia, salva-me de mim mesmo.»

Então Dulce apertando com um movimento convulso a mão do cavalleiro a encostou entre as suas ao peito, como se esperasse que no pular do coração elle podesse conhecer que sabia de lá pura e sincera a narração que lhe ia fazer.

Esta narração era a historia do amor de Garcia Bermudez, amor a que ella respondêra sempre com a dissimulação como o leitor já sabe. Dulce nem disfarçou a especie de affeição innocente que consagrava ao aragonez, e que dera origem ás suspeitas que tão de leve o ciúme d'Egas accreditára, nem os desejos do conde e da infanta de a verem unida áquelle nobre e esforçado cavalleiro. Não lhe esqueceram os acontecimentos do ultimo saráu, e a repulsa positiva que se vira finalmente constringida a dar. Conhecendo o character altivo e ao mesmo tempo generoso de Garcia, entendêra dever-lhe explicar a causa daquella repulsa, e fiar delle os segredos mais intimos do seu coração, dando-lhe assim uma prova de estima em lugar de amor. «Era esta derradeira consolação — concluia Dulce — que eu acabava de dar áquelle desventurado, quando tu vieste cégo pelo ciúme despedaçar o coração da tua amante, que te sacrificava o homem que por certo amaria, se para ella houvesse neste mundo amor, pensamento, esperança, que não fosse Egas, que não fosse aquelle que vai pedir-me perdão das suas suspeitas, que tão tristes me tornaram os ins-

tantes que deviam ser os mais deliciosos da minha vida.»

As mãos do cavalleiro apertavam já com amor as de Dulce; por isso, em quanto fallára, no rosto da donzella as lagrymas se haviam desvanecido pouco a pouco no deslizar de um sorriso.

«Dulce, Dulce! — exclamou o cavalleiro. — Oh! repete-me que só amas o teu Egas! Jura-me que é verdade tudo isso!»

«Farei mais — atalhou a donzella n'um extasi de alegria. — Arranca-me destes paços se ha para isso algum meio. Abandonarei aquellá que me criou como filha querida, e seguir-te-hei a ti, que não podes abusar do meu amor, porque és um leal cavalleiro. Seguir-te-hei por toda a parte; no esplendor ou na miseria; na terra da infancia ou nas solidões do desterro; na liberdade ou em ferros. Junto ao altar o nosso amor será santificado pela benção de Deus, e eu serei tua, tua só, tua para sempre!»

E Dulce cahiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a estreitou contra o peito, e lhe imprimiu na fronte um beijo ardente e puro como os pensamentos d'ambos. Naquelle instante os seus corações trashedavam de celeste e infavel ventura: — não cabiam nelles as grosseiras sensações terrenas.

«Tens razão! — disse o cavalleiro — de cima me veio a inspiração de buscar-te antes de morrer, porque tu me restitues a vida. Sim, irás comigo. Amanhã ao cahir das trévas eu serei aqui. Todos os meios de fuga estarão preparados; no arraial do infante, que não vem longe, acharemos brevemente abrigo, e ahí seremos unidos pelo veneravel arcebispo de Braga.»

«Mas no meio de tantos homens d'armas, dos atalaias e vigias que guardam pontes, barbacans e muralhas, não correrás grande risco?»

«Oh! não o receies — interrompeu o cavalleiro — o ouro e, se for preciso, o ferro nos abrirão caminho até o váu do Madroa. Esperar-me-hão no bosque os meus homens d'armas. Para transpor a barbacan talvez nos baste vestir as esclavinas deromeiros. Ninguém haverá tão impio que nos pergunte: — peregrinos do santo sepulchro, para onde é que vós ides? Oromeiro é livre como a ave do céu: respeitam-no o bésteiro e o homem d'armas: da-lhe abrigo o villão sob o seu colmo, o abbade no seu mosteiro, o nobre no seu castello. Quando ouvires cantar lá embaixo junto á torre aquellá trova que eu fiz ao despedir-me de ti: —

Vai-se o vulto do meu corpo;
Mas eu não;
Que a teus pés cá fica morto
O coração:

Serei eu que virei arrancar-te destes odiosos paços: e então serás minha, minha para sempre!»

«Mas se te descobrirem?... Oh que é uma idéa terrível.....»

Neste momento um silvo agudo soou da corredoura contigua ao jardim.

«É Abul-Hassan que me faz signal — disse o cavalleiro estremecendo. — Devo deixar-te, minha Dulce.»

«Já!? — murmurou a donzella. —

«Sim — replicou Egas — para poder sahir ainda hoje de Guimarães. Sem isso a tua partida fóra ámanhã impossível.»

Um véu de melancholia cobriu o coração de Dulce. Terror inexplicavel se apossára della, como se

houvera de ser aquellá a ultima vez que visse o cavalleiro.

«Parte pois: — disse com voz debil — mas amame sempre muito!»

Egas então cahindo a seus pés, e pegando-lhe na mão com uma alegria que tocava quasi as raías da loucura, cobriu-lha de beijos.

«Oh, amar-te!? — dizia elle. — Mil vezes mais que a vida; cem vezes mais que a honra de cavalleiro! Amanhã! — amanhã!... — e para sempre!»

E erguendo-se rapidamente, desapareceu no passadiço escuro, que dava sahida para a corredoura.

Dulce parecia petrificada olhando para o sitio por onde Egas sahira, como quem tentava ainda descobrir a sua imagem, escutar a sua voz, no meio das trévas da noite e do silencio profundo que a rodeava.

Não ouviu, porem, mais que o tropear de um cavallo que partia ao galope, nem viu mais que a luz reflexa da sala do banquete que batendo pelo interior das muralhas do castello tingia um grande lanço da cêrca com a claridade baça e variegada, que jorrava pelas vidraças de mil côres do festivo apollo.

Dulce ajoelhou, e alevantando as mãos juntas para o céu, onde scintillavam myriadas de estrellas, que mal podia distinguir atravez das proprias lagrymas, exclamou com um gesto de intima agonia:

«Meu Deus, meu Deus! — Porque me desfalece a esperança?!»

Era o coração que lhe predizia algum successo terrível? — Quem sabe?

(Continuar-se-ha).
(A. Herculano).

AMOR.

Todos o sentem, e parecem comprehende-lo, mas ninguem soube ainda dizer o que seja amor. Fatalidade estranha! não sabemos da origem e natureza d'um sentimento commum e universal. Mas que muito se tambem o homem não sabe como vive, como pensa e sente!

Não queremos defini-lo que tambem não sabemos: bem poderam ser tantas as formulas que o definissem, quantos os innumeraveis individuos que o sentem, e que buscam exprimi-lo; e ainda mal o não conseguíramos. Póde o genero humano pintar-se de uma pincelada, ou resumir-se a natureza inteira n'um quadro? Póde a mão do Omnipotente, que abrange o infinito; a do homem nunca.

Vejamos ao menos se sabemos como e onde existe. Mas o modo e a materia nos fogem da analyse: um é tão multiforme, é tão extensa a outra que nos escapam do pensamento, e quanto mais os buscamos cada vez mais e mais se somem e se afundam na immensidade, pelago sem praias onde des-nortado naufraga o misero baixel da intelligencia humana.

Mas tu, oh homem, que viajas na terra, e que nella tão pouco te demoras, pára, suspende-te, e reflecte: pergunta a ti mesmo o que seja amor. Tudo quanto vês com os olhos, e alcanças com o entendimento, não é senão effeitos de amor. Contempla, que o verás claramente estampado nas leis infinitas e immutaveis, que a voz da Sapiencia Eterna assignalou ás obras da sua Omnipotencia lá desde a primeira manhaã do mundo. Ei-lo, e reconhece-o: ainda que o não queiras, é na harmonia pa-

tente deste mundo mesquinho, em que habitas, que o podes achar. Estende os olhos, e alonga o pensamento pelas scenas magestosas, que se desdobram ante os teus olhos desde a purpura da aurora até os crepusculos do occaso: rouba alguns instantes tambem ao somno, e pasma das maravilhas sublimes que nas trévas da noite se manifestam na cupula do firmamento, porque ellas se bem que trévas alumiam maravilhas.

E é possível que depois disto ainda o não aches, nem o comprehendas? Repara: esta harmonia suavissima, que reina em tudo o que é e que foi creado, dimana da vontade Suprema, e é amor: amor é esta melodia dulcissima dos mundos entre si, e das partes componentes d'um mesmo mundo até a mais diminuta escala, melodia da qual póde a alma fruir e fartar-se, mas que o coração nunca saberá sosinho cabalmente avaliar, nem labios humanos articula-la: amor é uma melodia etherea de sons, que disferem harpas celestes e desconhecidas, mas nas quaes nada ha fragil, terrestre e sensual: amor é virtude, é essencia de Deus, é finalmente Deus.

Mas tremas o miseravel mortal, que no sonho dos seus delirios pensar que póde reger ou infringir a seu belprazer as leis desta harmonia eterna: então elle, que nem sabe explicar a natureza de um átomo de Descartes, nem a de um dos mundos de Newton, nem como vive e se move o insecto, sentirá mirrar-se o seu braço como palha de feno, e mais veloz que o fuzilar do raio; e verá os seus pensamentos confundidos e aniquilados como turbilhões de pó varridos das azas do vento.

Amor foi fogo, que a Omnipotencia Divina accendeu sómente d'uma vez, ao qual alimenta e ministra materia do seu nutrimento na criação dos seres até á consumação dos seculos. Aqui embaixo ainda se acha submettido ás fórmulas, e tem resaibo das particulas terrestres que engendram a materia: lá emcima será ether purissimo, subtil e volatil, quo subirá sem parar, como nuvem de aromas, até circumdar o throno do Altissimo. Amor na terra não se cria mais, nem se invoca, nem se promove: a Providencia o rege, assim como derrama a luz no dia e despeja as torrentes no oceano.

Se o homem na febre das paixões o evocasse, commettêra sacrilegio: podêra acha-lo talvez, mas um amor bastardo, filho da intemperança, da immoralidade e da corrupção. Tão passageiro triumpho lhe custára amarguras sempiternas: porquanto desesperou da Providencia, não poderá fugir da ira de Deus, que cahirá em cima d'elle e da sua descendencia.

Parece que mais sensatas andaram as gerações primitivas, e as da lei escripta no Sinai. A mythologia era um culto indirecto a Deus, centro de todos os cultos, e quem sómente os póde receber: erraram nos meios, mas não no fim: Deus é o juiz, e não o homem.

Ellas viam com effeito a criação animada: conheceram que era inerte a materia e a povoaram de divindades. Jupiter e Juno figuraram o consorcio mysterioso dos ares: Neptuno e Eólo levantavam as vagas deste mar, que viam mover-se: Vulcano alimentava a potencia do fogo: e Venus sabia das ondas do mar, descarga e reservatorio commum da electricidade. Os rios e fontes tinham Naiades, nos montes habitavam Orcades, nos bosques Dryades, Napeas e Satyros, e em cada logar um genio. Sem estes tão debeis simulacros de vida mal podiam con-

ceber a materia em acção e movimento, e ao menos buscavam explicar assim a fôrça das leis phisicas, com que a vontade do Creador a rege.

Mas uma casta de philosophia moderna se levantou, e substituiu a mythologia da antiguidade com um termo concreto, vazio e emphatico, se o não é tambem impio, o de — *natureza* —, e sem explica-lo, porque nem sabe, e nem póde, julga haver cortado o nó gordio. Nós, filhos da lei da Graça, fechâmos os olhos e tapâmos os ouvidos, para não vêr e ouvir: cegos e surdos parece que preferimos atirar comnosco ás trévas crassas do paganismo onde possamos a salvo fartar-nos, e aturdidos e incredulos como que ainda hoje pedimos milagres ao céu, e titubeando na fé bradamos com as turbas de Israel: *Si verè es filius hominis descende de cruce, et salva te ipsum.*

Em tempos mythologicos, quando o entendimento se escorava em suas forças unicas, podêra talvez perdoar-se o fazer de amor um prazer sensual, da lei da fruição a sua unica lei, e da fôrça da sua intensidade e duração o seu primeiro instincto e necessidade. Era então filho espurio das sensações, e mal podêra refrea-las: sempre os prazeres no homem propenderam a estender-se e a reproduzir-se, illimitados como a eternidade, para onde o vemos gravitar acelerado como para um centro commum.

E todavia as sociedades dessas eras o encadearam em laços matrimoniaes, que fossem penhores de ordem e de estabilidade. Em tempos patriarchaes Rachel voltando da fonte sentiu arder o fogo d'amor no peito virginal, e tingir-lhe um rubor tambem as faces, mas puro, innocente e casto era esse amor, como o de um anjo ou cherubim. Lavram paixões, e apoz ellas crimes: algumas almas fortes entraram em combate e escaparam do naufragio. Socrates embrulhado no manto, e estendido no leito da morte, bebendo cicuta, defendia a immortalidade, provava a existencia de Deus, e com a palavra e exemplo ensinava sublimes virtudes.

Mas estava guardado para o Christianismo, e era elle quem sómente podia fazer as legitimas bodas do amor com a religião, e ensinar-lhe a reprimir-se, santificando-o no fim pelo qual Deus ateou esta chamma celeste. Já não é hoje o amor brutal das synagogas, dos idolos de Baal, de Venus em Grecia e em Roma, dos pagodes de Bramá, dos fetiches de Tupá, nem o das mesquitas do filho de Agar. Estremeceram nos pedestaes, e cahiram em terra os bezerros do ouro israelita. Amor recuperou um fim celeste como o eram a sua origem e natureza. Foi o Christianismo quem o fez tornar a converter-se n'um pensamento, ou n'um sentimento puro e ineffavel, e não em gôzo ou sensação material como d'antes. O Divino Mestre dos apostolos foi quem o ensinou na terra, e isto bastará a confirmar a verdade da doutrina do Messias. Emmudeçam pois os abalizados philosophos, que não souberam elles resolver o maximo problema da Creação.

É deste amor christão que aprende a esposa a guardar fé e castidade ao esposo, a mãe ternura ao filho, o amigo lealdade ao amigo, e todos compaixão ao proximo, e gratidão, respeito e culto a Deus: é d'elle emfim que manam as correntes caudales das virtudes, que Jesus Christo ensinou e praticou na terra.

Mas do amor pagão rebenta um fogo brutal e cego, que se atêa e lavra sem poupar idade, sexo ou condição: d'elle nasce toda a casta de crimes e

maldades, porquanto não ha laços que não quebre, nem barreiras que não rompa até saciar-se, e gerar de si a morte, ultimo dos males humanos, e ponte levadiça da vida para a eternidade.

Mas este sentimento, que em linguagem de christãos se chamava em outro tempo charidade, se denomina hoje *amor* em sentido mythologico e sensual, e *philantropia* em accepção politica e social. Blazonamos bem alto de mythologicos ou politicos: envergonhâmo-nos de parecer christãos.

Tiburcio Antonio Craveiro.

A COBIÇA DE DINHEIRO.

O CLASSICO escriptor, Fr. Antonio Fêo, exprime-se acerca deste vicio pelos seguintes termos em o disc. 3.º, que tem por epigraphe *In telonio*, do tratado primeiro da festa do Evangelista e Apostolo S. Matheus. —

«Telonio é um furtar com titulo de divida, uma tyrannia confiada, sem haver quem lhe vá á mão intitulado com justiça, porque quem hade ir á mão ao furto auctorizado e coroado com a obrigação? . . O ladrão furta ás escondidas onde o não vejam, se o comprehendem corre-se, o publicano muitas vezes rouba ás claras e confiadamente: o dinheiro em quanto é a materia da cobiça facilita todos os peccados, é inimigo a cuja obediencia estão todas as crueldades prestes, e então faz maior damno, quando delle mais se possui; se podes nelle os olhos enfeitica, faz com que ou quebreis palavra ou vos faltem com ella, não tem amor, nem lei com alguem, tanto lhe dá estar aqui como alli, na mão deste ou daquelle, é causador de discordias, inquietador da paz, roubador da innocencia, ensina a furtar, fazer enganar, persuade rapinas, é cabeça de bando. O que tudo se viu bem no que aconteceu a Joseph com seus irmãos, porque entrando em geração tão santa a cobiça, de tal maneira corrompeu a irmandade, desterrou piedade, que venderam a Joseph a egypcios, um irmão a barbaros, um innocente a culpados; affrontaram a liberdade, entregando-a á servidão, e em dando dentro em si entrada á avareza, de tal maneira deu o ar por elles que a brandura de homens se converteu em crueldade de feras, nem lhes ficou logar para advertirem na offensa que a Deus faziam, no desgosto que ao pai davam, na irmandade que em Joseph violavam. Que não fará o dinheiro, quando até um bezerro, por de ouro, se fez adorar como Deus? . . .»

E na columna immediata, continuando a materia accrescenta. —

— « . . . maior milagre foi converter Christo a S. Matheus que sarar ao paralytico, porque se este tinha a doença no corpo, o publicano era enfermo na alma por meio da affeição das riquezas: e divertir um avarento do desejo de ganhar é valentia que só Deus a póde fazer. Correm parelha fazer de um morto vivo, e de um cobiçoso desprezador e liberal; porque aquillo que no corpo faz a vida, obra na alma o desprezo nascido da charidade. » —

Os lagos do ambar. — Lateraes ao mar Baltico ha dois grandes lagos: o primeiro terá vinte leguas de comprido, e de largura n'algumas partes duas leguas e n'outras cinco, chama-se Frisch-haff; o segundo tem vinte e duas leguas por cinco até seis de largura geralmente, e o denominam Curich-haff.

Estreitas faxas de terra os separam do mar, com o qual só communicam pelo estreito de Gast, cuja entrada em diversos tempos tem variado de posição. São affamados os dois Haff pela rasão do ambar ou succino, que fluctua em grande quantidade nas suas aguas. Esta substancia odorifera, é de origem até agora ignorada, posto que é por alguns reputada de natureza mineral, e por outros a resina fossil de alguma arvore de especie que se perdeu nas grandes revoluções do globo; naturalistas ha que pensam ser esta uma materia produzida por certa casta de formigas grandes, e impellida áquellas paragens e sobre as praias pelos ventos do noroeste e do norte. Nos lagos supracitados se colhia quasi especialmente, em outras eras, a maior quantidade d'ambar, mas hoje minera-se e extrahe-se em muito maior porção nos outeiros proximos ao lago, o que induz a suspeitar a origem mineral da substancia. No mesmo estado se arranca da terra na Polonia e nas fronteiras da Lithuania.

Memorandum.

25 DE MARÇO.

« . . . no anno de 1646, neste dia, em que então cahiu o Domingo de Ramos, celebrando-se em Lisboa Côrtes dos Tres Estados do Reino, nos quaes se representa o corpo inteiro da nação, jurou o Sr. rei D. João 4.º, e com S. M. os Tres Estados, defenderem, com dispendio da propria vida [se necessario fosse] a Conceição Immaculada da Mãe de Deus, impondo pena de desnaturalisação a toda a pessoa que tivesse a sentença menos pia; e elegeu a mesma Senhora, neste glorioso mysterio, Protectora e Defensora de Portugal, e lhe fez a monarchia tributaria, e a si e a seus successores em cinquenta cruzados de ouro cada anno, applicados para a igreja parochial de Villa-Viçosa, a qual se afirma ser a primeira que se edificou em Hespanha com o titulo da Conceição. » *Fr. Francisco de St. Mar. — An. Hist. tom. 1.º, pag. 383.*

Antonio de Sousa de Macedo occupa o extenso cap. 15.º da 2.ª part. de sua erudita obra = *Eva e Ave &c.*, em tratar historicamente da Conceição Immaculada; e referindo o mesmo que o escriptor mais moderno, que acima citámos, accrescenta: — Tratou-se logo de que a insigne Universidade de Coimbra e todos seus cathedraes e professores fizessem o mesmo juramento e com ordem do dito Sr. rei, como protector, que é da Universidade, se fez o juramento em sabbado 28 de julho do mesmo anno, sendo reitor Manuel de Saldanha, que morreu eleito bispo de Coimbra. » — Passa logo a transcrever a inscripção commemorativa dessa deliberação do rei e das côrtes, para ser insculpada sobre as portas das cidades e fortalezas, o que ainda em muitas se conserva, como temos visto; foi composta em lingua latina pelo proprio ministro, Sousa de Macedo.

Em 1717 expediu elrei D. João 5.º cartas regias aos prelados mitrados do reino para que em suas dioceses se celebrasse a festividade annual em obsequio da Conceição de Maria. — O Sr. D. João 6.º instituiu, por Dec. de 6 de fev.º de 1818, a Ordem de N.ª S.ª da Conceição de Villa-Viçosa, Padroeira do Reino; deram-se-lhe os Estatutos por Alv. de 10 de setembro de 1819.